

**EXPLORAÇÃO SEXUAL E DINÂMICAS DE PODER:  
O BORDEL DE MAUTHAUSEN**

Marcos Antônio Da Silva Santos Ferreira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este texto procura lançar luz sobre um aspecto frequentemente negligenciado da era nazista: a criação de bordéis em diversos campos de concentração. Bordéis foram estabelecidos em oito campos ao todo: Mauthausen (1942), Auschwitz (1943), Buchenwald (1943), Dachau (1944), Dora-Mittelbau (1944), Sachsenhausen (1944), Neuengamme (1944) e Flossenbürg (1943-1944). O foco deste estudo será o campo de concentração de Mauthausen, localizado nas proximidades de Linz, na Alta Áustria. Embora numerosos aspectos da ideologia e das práticas nazistas tenham sido amplamente explorados, as dimensões sexuais do regime permanecem, em grande parte, ignoradas — muitas vezes em razão de uma combinação entre o pudor dos investigadores e a escassez de fontes primárias, como relatos em primeira mão das mulheres submetidas a esses bordéis. Este estudo tem como objetivo examinar criticamente o uso da exploração sexual e de dispositivos de poder como instrumentos de dominação e controle no interior do regime nazista, particularmente no contexto dos campos de concentração. Dentro desse escopo, buscaremos apoiar-nos no aporte teórico de Hannah Arendt e Michel Foucault. Ao analisar tais práticas, o artigo pretende revelar de que maneira a violência sexual funcionava como ferramenta para reforçar a autoridade do regime e subjugar suas vítimas.

**Palavras-chave:** Nazismo e filosofia; Nazismo e exploração sexual; Relações de poder e sexualidade; Michel Foucault e o nazismo; Hannah Arendt e a ideologia nazista.

**ZUSAMMENFASSUNG:** Dieser Text versucht, einen häufig vernachlässigten Aspekt der NS-Ära zu beleuchten: die Einrichtung von Bordellen in verschiedenen Konzentrationslagern. Insgesamt wurden Bordelle in acht Lagern errichtet: Mauthausen (1942), Auschwitz (1943), Buchenwald (1943), Dachau (1944), Dora-Mittelbau (1944), Sachsenhausen (1944), Neuengamme (1944) und Flossenbürg (1943–1944). Der Schwerpunkt dieser Studie liegt auf dem Konzentrationslager Mauthausen, das sich in der Nähe von Linz in Oberösterreich befindet. Obwohl zahlreiche Aspekte der Ideologie und Praktiken des NS-Regimes umfassend erforscht wurden, bleiben die sexuellen Dimensionen des Regimes weitgehend unbeachtet – oft aufgrund einer Kombination aus der Zurückhaltung der Forschenden und dem Mangel an Primärquellen, wie etwa Augenzeugenberichten der Frauen, die diesen Bordellen ausgesetzt waren. Ziel dieser Untersuchung ist es, die Nutzung sexueller Ausbeutung und von Machtmechanismen als Instrumente der Kontrolle und Unterdrückung im Kontext der Konzentrationslager kritisch zu analysieren. Innerhalb dieses Rahmens stützen wir uns auf die theoretischen Beiträge von Hannah Arendt und Michel Foucault. Durch die Analyse dieser Praktiken soll aufgezeigt werden, inwiefern sexuelle Gewalt als Mittel zur Stärkung der Autorität des Regimes und zur Unterwerfung seiner Opfer diente.

**Schlüsselwörter:** Nationalsozialismus und Philosophie; Nationalsozialismus und sexuelle Ausbeutung; Machtverhältnisse und Sexualität; Michel Foucault und der Nationalsozialismus; Hannah Arendt und die nationalsozialistische Ideologie.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). É fundador e membro do grupo de estudos e pesquisa FILPSI (Filosofia e Psicanálise). Esta pesquisa foi concebida e desenvolvida durante intercâmbio acadêmico na Katholische Privat-Universität Linz, na Áustria, sob a valiosa orientação da Professora Dra. Verena Lorber, a quem expresso meus sinceros agradecimentos. Agradeço também ao Mauthausen Archive, em Viena, pela oportunidade de acesso aos arquivos do campo de concentração de Mauthausen.

E-mail: [contactme.marcos@gmail.com](mailto:contactme.marcos@gmail.com) | ORCID: 0000-0002-6767-7484

## 1. INTRODUÇÃO

thou shalt not go near, thou shalt not touch, thou shalt not consume, thou shalt not experience pleasure, thou shalt not speak, thou shalt not show thyself; ultimately thou shalt not exist, except in darkness and secrecy. (Foucault 1973: 84)

O regime totalitário nazista foi construído com base em ideologias complexas e propaganda política, que se mostraram ferramentas eficazes na criação das narrativas que desejava estabelecer em torno de seus inimigos e de si próprio. Esse sistema foi estruturado e desenvolvido a partir de diferentes dinâmicas de poder, algumas das quais este artigo se propõe a analisar. Nosso objetivo aqui é abordar a construção de bordéis dentro dos campos de concentração como forma de exploração sexual e controle. Mais especificamente, exploraremos o Campo de Concentração de *Mauthausen*, cujo bordel foi estabelecido em 1942.

Adotaremos uma leitura das ideologias nazistas em consonância com as análises de Hannah Arendt em “Origens do Totalitarismo” (1951). Assim, compreendemos o nazismo como uma ideologia cujo escopo não se limitava a um espaço geográfico restrito pela noção de "nacionalismo", mas que almejava o âmbito internacional<sup>2</sup> (2024, p. 9). É difícil identificar uma única linha de pensamento ou uma ideologia unificada por trás de todo o sistema. Podemos, contudo, destacar a expansão nacionalista e o uso do terror como ferramenta de controle das massas — especialmente, como se observa na análise da situação dos judeus —, sendo estes colocados deliberadamente no centro da ideologia, o que estabelecia uma nova ordem sociogovernamental e o futuro de suas instituições. Esse processo envolvia a transformação de "classes em massas" e a "transferência do poder do exército para a polícia" (2024, p. 498).

A ideologia nazista, ou totalitária, pode ser entendida como autofágica<sup>3</sup>: seu movimento, ao pretender seguir as "leis da natureza", seria o princípio infundável, pois, à medida que os considerados aptos para viver fossem eliminados, novos alvos seriam selecionados, numa tentativa de alcançar uma suposta realização da própria "natureza" — ao menos daquilo que concebiam como natureza humana. Afirma ela: "Em outras palavras, a lei do extermínio, pela qual os movimentos totalitários conquistam e exercem o

<sup>2</sup> Isso nos permite compreender a ampla adesão que o nazismo obteve, à época, por diferentes grupos ao redor do mundo, bem como as contínuas insurgências de movimentos neonazistas após o colapso do governo nacional-socialista. Tal influência extrapola os campos político e social, penetrando também no imaginário e nas práticas sexuais, ao retomar antigos modelos de adoração à autoridade e fetichizar ideais "arianos" — inclusive por indivíduos não caucasianos, algo a ser explorado futuramente.

<sup>3</sup> A partir do momento em que necessita da constante criação de inimigos e adversários a serem culpabilizados e destruídos, o regime totalitário atinge um ponto em que seus próprios membros passam a agir com cautela uns em relação aos outros, em razão da ausência de confiança. Em tal contexto, qualquer indivíduo pode ser convertido em inimigo, mesmo dentro das estruturas do próprio regime.

poder, permaneceria como uma lei do movimento, mesmo que eles conseguissem submeter toda a humanidade ao seu domínio” (Arendt, 2024, p. 502, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Esse movimento é exemplificado de maneira significativa se considerarmos a estrutura do Castelo de *Hartheim*. A chegada dos novos “pacientes” ocorria por um portão que dava acesso às salas de exame médico. Ali, eram despidos para a avaliação e, em seguida, redirecionados — sem conhecimento do destino que os aguardava — para outra sala, conectada à anterior, onde eram extermínados e seus corpos, posteriormente, cremados. Era um processo que se repetia incessantemente: a chegada, o extermínio e a eliminação dos restos mortais de centenas de pessoas com deficiências físicas ou “transtornos psicológicos”, seguido pela renovação do ciclo com a chegada de novos prisioneiros. Essas questões sempre suscitam discussões sobre a “indiferença” de seus vizinhos. Tal reflexão nos remete às origens da ideologia do terror e pode, em parte, explicar essa indiferença, bem como a adesão de muitos austríacos ao nazismo e a simpatia que demonstraram por sua anexação ao *reich*. Devemos ter esses elementos em mente ao longo da leitura que se segue, a fim de nos orientar diante das múltiplas estratégias de difusão adotadas pelo regime.

Além de Mauthausen, haviam sete bordéis conhecidos em campos de concentração em todo o *Reich*, mais especificamente em *Auschwitz* (1943), *Buchenwald* (1943), *Dachau* (1944), *Dora-Mittelbau* (1944), *Sachsenhausen* (1944), *Neuengamme* (1944) e *Flossenbürg* (1943–44). O Campo de Mauthausen foi erguido em 1938 e está localizado em Mauthausen, a 18 quilômetros de Linz, na Alta Áustria. Na primavera de 1949, o campo foi transformado em um memorial dedicado a todas as vítimas dos horrores perpetrados pelos nazistas. O Memorial de Mauthausen mantém-se como um dos mais importantes locais de homenagem à memória dos sobreviventes do Holocausto; abriga diversos símbolos internacionais de lembrança das vítimas de vários países, como França, Rússia, Ucrânia, Espanha, entre outros. O memorial tem buscado diferentes formas de homenagear e educar os visitantes sobre os horrores daquele período. Além das visitas ao local do memorial, o Memorial de Mauthausen também mantém seus arquivos em Viena, abertos a pesquisadores de todas as áreas.

O bordel do campo foi o primeiro a ser construído; sua edificação foi ordenada por Heinrich Himmler em 1942 (Sommer, 2009<sup>5</sup>), após sua visita ao campo no ano anterior, também registrada por Francisco Boix Campo, prisioneiro espanhol e fotógrafo (Stanley 2011). O bordel de Mauthausen representou o primeiro passo em um novo projeto da SS. Inicialmente, o projeto foi concebido para incentivar os prisioneiros a trabalharem mais arduamente<sup>6</sup>, mas também para controlar a atividade sexual

<sup>4</sup> “In other words, the law of killing by which totalitarian movements seize and exercise power would remain a law of the movement even if they ever succeeded in making all of humanity subject to their rule” (Arendt, 2024, p. 502).

<sup>5</sup> KEMPIS, Franziska von. Bordellbesuch als Belohnung: Kulturwissenschaftler Sommer über erzwungene Sexdienste in den Lagern der Nazis. Sueddeutsche, 2009. Disponível em: <https://www.sueddeutsche.de/politik/himmler-kz-bordelle-1.104717>. Acesso em: 24 dez. 2024.

<sup>6</sup> Como observa Brotz: “Por determinação do Ministério de Armamentos, foi gradualmente adotada uma política de ‘preservação da força de trabalho’ por meio da melhoria das condições de vida e da redução da perseguição. Medidas para melhorar o abastecimento dos prisioneiros [...] e para aumentar a sua eficiência (bônus, bordéis, atividades culturais no tempo livre, etc.) foram introduzidas, embora variando consideravelmente no tempo e no local.” (Brotz, 2001, p. 26-27).

dentro do campo, regulando a sexualidade masculina em função do trabalho e explorando a sexualidade feminina como um direito concedido ao prazer masculino (Sommer, 2009); contudo, nem todos os prisioneiros tiveram acesso ao bordel em um primeiro momento. No início, ele era destinado aos chamados prisioneiros Capo. Esses detentos recebiam um tratamento levemente melhor do que os demais, pois colaboravam com a SS na organização do campo, atuando como guardas substitutos e desempenhando outras funções de supervisão. Esse sistema estabelecia uma linha tênue entre os prisioneiros comuns e os prisioneiros Capo, estes últimos sendo, por vezes, também considerados perpetradores.

No entanto, esses prisioneiros selecionados eram apenas uma pequena parte de uma engrenagem muito maior que nos revela como, mesmo dentro dos campos de concentração, as relações de poder eram articuladas não apenas por meio da SS, mas também entre os próprios prisioneiros. Goeschel e Wachsmann (2010) explicam que:

Entre os muitos legados deixados pelos campos de guerra, destacam-se a formação da SS dos campos como um grupo coeso de soldados políticos implacáveis; o estabelecimento dos campos como espaços extralegais destinados à prática de um terror político e racial extremo; a concepção dos campos como espaços flexíveis e expansíveis; e a criação de suas estruturas administrativas internas, com papéis claramente definidos para os oficiais da SS e a promoção temporária de determinados prisioneiros a posições de autoridade sobre os demais — sistema frequentemente referido como o sistema Kapo (Goeschel; Wachsmann, 2010, p. 518, tradução nossa).<sup>7</sup>

Os autores oferecem uma explicação detalhada sobre o funcionamento dos campos de concentração em sua história inicial, especialmente quanto às suas origens e estruturas por vezes irregulares, o que ajuda a compreender muitas das características desses campos e suas dinâmicas de poder. Os campos são hoje considerados uma das ferramentas de repressão (embora não apenas isso) e terror mais bem estruturadas do Terceiro Reich, mas, como explicam Goeschel e Wachsmann, os campos receberam diferentes denominações em seus primórdios: “alguns centros de detenção passaram a ser conhecidos como ‘campos de concentração’, enquanto outros eram chamados de ‘campos de coleta’, ‘campos de trabalho’ e ‘campos de trânsito’, entre outras descrições” (Goeschel; Wachsmann, 2010, p. 522). Nesse período, os campos destinavam-se prioritariamente a inimigos políticos e ideológicos, como foi o caso do Campo de Mauthausen.

Figura 1 – O Bordel do Campo de Concentração de Mauthausen

---

<sup>7</sup> “Among the many legacies for the wartime camps was the formation of the Camp SS as a tight-knit band of ruthless political soldiers, the establishment of camps as extra-legal sites for the exercise of extreme political and racial terror, the conception of camps as flexible and expandable spaces, and the creation of their inner administrative structures, with clearly defined roles for SS officials and the temporary promotion of selected prisoners to positions of authority over others (often referred to as the Kapo system).” (Goeschel; Wachsmann, 2010, p. 518).



Ferreira, Marcos Antônio. O Bordel do Campo de Concentração de Mauthausen [Fotografia], 2024. Inédito.

Figura 2 – Vista interna de um dos quartos do bordel do Campo de Concentração de Mauthausen



Ferreira, Marcos Antônio. Vista interna de um dos quartos do bordel do Campo de Concentração de Mauthausen [Fotografia], 2024. Inédito.

Após a liberação do campo em 5 de maio de 1945, pelas tropas norte-americanas, muitas partes do campo foram desmontadas, especialmente o campo Gusen II, para evitar epidemias de doenças, visto que os prisioneiros doentes eram agrupados sem tratamento ou cuidados médicos adequados. A maioria dos barracões também foi destruída pelas forças aliadas, com poucos restando, como é o caso do barracão número um, o bordel do campo.

Além disso, as mulheres forçadas a "trabalhar" nesses bordéis também eram prisioneiras que foram prometidas com a liberdade após um ano de trabalho no bordel, o que, como se pode imaginar, nunca aconteceu. Victoria Harris explora o início dessa história complicada em seu artigo "The Role of the Concentration Camps in the Nazi Repression of Prostitutes, 1933–9" (2010). Harris reconstruiu parte da história nazista de repressão às mulheres que eram vistas como sexualmente desviantes, como as prostitutas,

mas também lésbicas e outras. Como escreve Harris, as prostitutas eram, "afinal, talvez as mais emblemáticas dos desviantes. Embora suas ações nem sempre sejam, ou consistentemente, criminalizadas, suas infrações aos códigos morais relacionados à decência sexual e ao comportamento feminino adequado constantemente as colocam à margem." (Harris, 2010, p. 677).

A autora foca no início da história dessas mulheres no Reich, analisando a relação entre as prostitutas e as pessoas que as encarceraram e, como veremos, essa história também tomará um rumo diferente<sup>8</sup>. Antes de nos aprofundarmos nessa discussão, é importante entender alguns dos aspectos emblemáticos do regime, como sua propaganda e as contradições em seus ideais e no tratamento dessas mulheres.

### 2. PROPAGANDA E OS IDEIAS DO REGIME NAZISTA: UMA CONTRADIÇÃO?

Um regime como o social-nacionalista tinha uma face marcante: a face de Hitler. Visto como um líder carismático por muitos, e para que isso fosse disseminado por toda a sociedade, também precisava ter uma emoção compartilhada; tinha que ser reconhecido como um símbolo de progresso. Essa face precisava ser amada e temida. A noção de Hitler como um líder carismático pode soar irrazoável para os ouvidos contemporâneos, mas, no entanto, era assim que acontecia. Maurizio Bach argumenta que a ideia de carisma depende não apenas da personalidade individual, mas de uma combinação de elementos, como ansiedades sociais e econômicas, que podem levar à necessidade de um líder acreditado capaz de guiar os subordinados rumo ao progresso. Ele escreve:

As esperanças que se voltam para um líder carismático surgem tipicamente quando a ordem social se fragmenta, as instituições dominantes perdem a confiança e as pessoas buscam orientação. Em outras palavras: o carisma não é um fenômeno individual, mas sim social, resultante da dinâmica de interação entre um pretendente ao carisma e os crentes no carisma (Bach, 2014, p. 109, tradução nossa)<sup>9</sup>.

Isso não deixa dúvidas sobre o desenvolvimento inicial do regime nazista e sua relação com o povo alemão e austriaco, uma relação que eles "de alguma forma buscavam ou precisavam" (Knox, 2012, p. 99). Portanto, uma estrutura e um aparato inteiros foram utilizados para criar o que hoje é conhecido como um

<sup>8</sup> Harris observa que mais de 4500 prostitutas foram presas em 1933. Ela escreve: "Entre 1º de março e 31 de maio de 1933, a polícia de Hamburgo prendeu 3201 prostitutas utilizando a Ordem para a Proteção do Povo e do Estado de 28 de fevereiro de 1933 (Verordnung des Reichspräsidenten zum Schutz von Volk und Staat). Deste número, quase mil permaneceram sob custódia policial por um longo período. Em dezembro de 1933, pelo menos outras 1527 prostitutas haviam sido 'encarceradas permanentemente'; algumas foram enviadas para os campos de concentração emergentes da Alemanha, que, neste momento, eram habitados principalmente por prisioneiros políticos masculinos." (Harris, 2010, p. 678, tradução nossa).

<sup>9</sup> "Hoffnungen, die sich auf einen charismatischen Führer richten, treten typischerweise dann auf, wenn die gesellschaftliche Ordnung brüchig geworden ist, die herrschenden Institutionen das Vertrauen verloren haben und die Menschen nach Orientierung suchen. Mit anderen Worten: Charisma ist kein individuelles, sondern ein gesellschaftliches Phänomen, das auf die Interaktionsdynamik zwischen einem Charisma-Prätendenten und den Charisma-Gläubigen zurückzuführen ist" (Bach, 2014, p. 109).

dos períodos mais sombrios da história humana. Um tempo que ainda poderia surgir das cinzas se nós, os atuais corpos sociais, educacionais e políticos, não tomarmos cuidado suficiente para perceber os sinais<sup>10</sup>. Como aponta Hannah Arendt, as sementes desse regime ainda estão disseminadas pela sociedade, esperando para germinar.

Antes de discutir as dinâmicas de poder dentro dos bordéis dos campos, gostaríamos de abordar os primórdios do III Reich no que diz respeito às táticas de propaganda que adotaram. Tais táticas podem nos levar a questionar como a construção de bordéis foi possível em um regime que pregava valores de pureza, cristãos e familiares. Isso não seria uma contradição? Verdade! É uma contradição, e facilmente podemos encontrá-las dispersas por todo o regime. A causa, argumentamos, pode ser encontrada nas estruturas da propaganda nazista e em sua “filosofia”.

Primeiro, vamos analisar um pouco da propaganda criada e compartilhada por Joseph Goebbels em seu jornal *Der Angriff*, fundado em 1927, ainda no NSDAP. Como vimos, em 1933, ano em que os nazistas tomaram o poder, mais de 4500 prostitutas foram presas e muitas delas enviadas para campos de concentração na Alemanha (Harris, 2010), mas os ataques às mulheres "desviantes" começaram anos antes. Em seus esforços propagandísticos, Joseph Goebbels publicou em 28 de janeiro de 1928 um ataque à "depravação" intitulado "Ao redor da Igreja Memorial Kaiser Wilhelm", no qual ele afirma:

Há muitos transeuntes que talvez nunca tenham olhado para sua torre. O esnobe em seu casaco de pele e sapatos polidos passa vagarosamente, a mulher do mundo, uma lésbica de corpo inteiro, com seu monóculo, fumando um cigarro, de salto alto, caminha pela calçada e desaparece em um dos milhares de lugares de fumaça e veneno cujas luzes brilham de forma convidativa na luz do entardecer<sup>11</sup> (Goebbels, 23 January 1928, tradução nossa, disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/angrif18.htm>)<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> Esses sinais podem ser reconhecidos ao observar semelhanças ideológicas e retóricas entre o estado ideológico do Reich Nazista e os discursos atuais em muitos países. No Brasil, por exemplo, o secretário da Cultura, Roberto Alvim, foi acusado de copiar o discurso de Joseph Goebbels sobre as Artes Alemãs para anunciar um prêmio, também para as artes, no Brasil, conforme relatado por jornais como *The Guardian* em janeiro de 2020. (Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels [https://www.theguardian.com/world/2020/jan/17/brazil-culture-minister-goebbels-roberto-alvim-nazi?CMP=share\\_btn\\_url](https://www.theguardian.com/world/2020/jan/17/brazil-culture-minister-goebbels-roberto-alvim-nazi?CMP=share_btn_url), acessado em 23 de dezembro de 2024) e *El País Brasil*, em 17 de janeiro de 2020 (Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido, *El País Brasil*, [https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html#?prm=copy\\_link](https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html#?prm=copy_link), acessado em 23 de dezembro de 2024). Isso não deve ser uma grande surpresa, considerando que o Brasil foi, fora do Reich, o país com o maior número de apoiadores registrados do regime nazista, com 2.900 membros, principalmente imigrantes alemães no, embora não limitados ao, sul do país (Dietrich, 2005). Nos Estados Unidos e na Alemanha, existiam diferentes grupos neonazistas em atividade, como: *Artgemeinschaft* e *Hammerskins*, que se espalharam para além de suas fronteiras. Grupos como os *Hammerskins*, fundados nos EUA, podem ser localizados na Alemanha e no Brasil, onde muitos homens foram presos em 2022 sob a acusação de fazer parte do grupo, conforme relatado por Julia Vargas Jones no *The New York Times* em 2023.

<sup>11</sup> Fonte: "Rundum die Gedächtniskirche," *Der Angriff. Aufsätze aus der Kampfzeit* (Munich: Zentralverlag der NSDAP., 1935), p. 338-340. The illustration is the book's dust jacket.

<sup>12</sup> "There are many passers-by who perhaps have never looked up to her spire. The snob in his fur coat and polish saunters past, the woman of the world, a Lesbian from tip to toe, with her monocle, smoking a cigarette, in high heels walks along the sidewalk and disappears into one of the thousands places of smoke and poison whose lights shine invitingly to the evening daylight" (Goebbels 23 January 1928, <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/angrif18.htm>)

Esse ataque não foi apenas uma crítica elaborada às homossexuais femininas, com uma referência à publicação lésbica *Die Freundin*, mas foi além. Goebbels culpa o chamado declínio da sociedade alemã pela influência de pessoas internacionais (índios, saxões, ingleses). Esse material de propaganda ajuda a construir uma relação corrompida entre a sociedade alemã e os "outros"; e esses outros são os responsáveis por decidir o futuro da Alemanha, suas políticas, economia e artes. Os outros, portanto, são uma ameaça. Goebbels segue com uma clara distinção: "O povo alemão é estrangeiro e deslocado aqui. Quase se destaca ao falar a língua da nação. Pan-Europa, a Internacional, o jazz, a França e Piscator: esse é o tema" (Goebbels, 23 de janeiro de 1928, tradução nossa, [https://research.calvin.edu/\\_german-propaganda-archive/angrif18.htm](https://research.calvin.edu/_german-propaganda-archive/angrif18.htm)). O aparato de propaganda estava lá para possibilitar às futuras repressões que seriam operadas e expandidas durante os anos de terror.

Harris (2010) estabelece de forma notável o estado repressivo instaurado por Hitler e pelo regime nazista em contraste com a atmosfera política anterior da República de Weimar, que presenciou uma exploração nunca antes vista da sexualidade em diversos campos, como medicina, cinema e cultura em geral. Podemos nos referir não apenas ao periódico lésbico mencionado acima, *Die Freundin*, mas também ao filme de Richard Oswald *Anders als die Andern* (1919), e ao filme *Die Prostitution, 1. Teil - Das gelbe Haus* (1919), de Jacob Fleck e Luise Fleck, ambos escritos pelo renomado escritor e diretor Magnus Hirschfeld.

Na nona edição da *Die Freundin*, publicada em 1933, pode-se encontrar um pequeno artigo que já tenta chamar a atenção para uma melhor compreensão da homossexualidade e da criminalidade, intitulado "Polizei und Homosexualität"<sup>13</sup> de Paul Weber<sup>14</sup>. Isso pode indicar uma forma de preocupação e percepção sobre o estado das coisas. Weber observa que muitas esferas da vida social precisam lidar com a sexualidade em diferentes instâncias, seja no setor educacional, na saúde e entre trabalhadores juvenis, ou investigadores criminais (Weber, 1933), mas frequentemente não possuem a capacidade de lidar com essas questões quando não há desenvolvimento em seus entendimentos sobre a sexualidade. No ano anterior, em 1932, Paul Weber já havia publicado um apelo para que a homossexualidade fosse retirada do código legal da Alemanha, de maneira similar à Polônia (*Ein neues Strafgesetzbuch ohne Homosexualitätsparagraphen im "Verordnungsweg" erlassen!*<sup>15</sup>).

Na Áustria, nos deparamos com uma paisagem cultural mais distinta. Sendo um país majoritariamente católico, tinha uma forma de viver mais conservadora, mas, ao mesmo tempo, a cidade de Viena era um efervescente centro de novas ideias na década de 1900. A cidade testemunhou o surgimento da psicanálise freudiana e de suas "mulheres histéricas". As pinturas de Rudolf Wacker, com mulheres e homens nus, incluindo desenhos de uma mulher se masturbando (de 1922) e um Falo (de 1917), ilustram esse período. Nesse mesmo contexto, quando Magnus Hirschfeld visitou Viena para uma conferência sobre

<sup>13</sup> WEBER, Paul. **Polizei und Homosexualität**. Die Freundin, Berlin, 1933, v. 9, p. 2.

<sup>14</sup> O texto pode ser encontrado no Forum Queeres Archiv München, em <https://archiv.forummuenchen.org/objekt/die-freundin-1933-ausgabe-9/>, acessado em 03/12/24.

<sup>15</sup> Disponível no Forum Queeres Archiv München: <https://archiv.forummuenchen.org/objekt/die-freundin-1932-ausgabe-35/>. Acessado em 22/12/24

sexualidade, ele foi atacado por um grupo de apoiadores nazistas em 4 de fevereiro de 1923; notícias sobre o ataque podem ser encontradas no jornal *Wiener Morgenzeitung* de 5 de fevereiro de 1923<sup>16</sup>. Dagmar Herzog analisa, no entanto, que a história da sexualidade na Áustria esteve por muito tempo à sombra da Alemanha e de seus estudos (Herzog, 2016, p. 161).

Alguns pesquisadores, como Jason Crouthamel<sup>17</sup> (2011) e Robert Biedroń<sup>18</sup> (2017), também apontam que a homossexualidade e outros tipos de "desvios" na República de Weimar foram responsabilizados pelos nazistas pela derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, incluindo também os judeus<sup>19</sup> (Crouthamel, 2011). Além do foco na pureza pelos nazistas, como vimos acima no ataque de Goebbels de 23 de janeiro de 1928, um aspecto crucial da época foi a crise financeira, que apenas aumentou a insatisfação de muitos. A liberdade sexual e a exploração foram alvos fáceis para os nazistas, pois poderiam ser definidas como um declínio dos valores alemães<sup>20</sup>. Um contraponto a isso pode ser encontrado em uma edição do periódico *Der Eigene* de 1930, intitulado *Freundesliebe als Kulturfaktor: Ein Wort an Deutschlands männliche Jugend*, de Adolf Brand; ele argumentava que, mais do que se preocupar com os assuntos privados de homens e mulheres e seus amantes, o Estado deveria se preocupar com a punição de pais ausentes e criminosos<sup>21</sup>.

Esse foi, é claro, outro passo na construção de narrativas que funcionariam ao longo do tempo. Um apelo importante frequentemente destacado pela propaganda de Goebbels era a questão da identidade,

<sup>16</sup> Esse texto pode ser encontrado online em: <https://anno.onb.ac.at/cgi-content/anno?aid=wrn&datum=19230205&seite=1&zoom=33&query=%22magnus%2BHirschfeld%22&ref=anno-search>. Acessado em 22/12/24. (ANNO: *Historische österreichische Zeitungen und Zeitschriften*).

<sup>17</sup> CROUTHAMEL, Jason. ‘Comradeship’ and ‘Friendship’: Masculinity and Militarisation in Germany’s Homosexual Emancipation Movement after the First World War. *Gender & History*, v. 23, n. 1, p. 111-129, 2011.

<sup>18</sup> BIEDRON, Robert. **Nazism's Pink Hell**. Auschwitz-Birkenau. Acesso em: 5 dez. 2024.

<sup>19</sup> "A guerra gerou uma imagem de 'masculinidade militar', finalmente santificada pelos nazistas, que celebrava guerreiros heterossexuais de nervos de aço unidos pela camaradagem. A cultura dominante percebia os homens homossexuais como traidores efeminados responsáveis pela 'facada nas costas', uma lenda que também culpava socialistas, judeus, mulheres e outros pela derrota militar de 1918" (Crouthamel, 2011, p. 111, tradução nossa).

<sup>20</sup> Biedroń escreve que: "Na metade da década de 1920, a inflação crescente e a recessão econômica fortaleceram o nazismo. A direita nacionalista enfatizou *Das Volk*, a pureza da raça e do sangue, e o papel e a santidade da vida familiar. A República de Weimar passou a ser cada vez mais atacada por tolerar um grau excessivo de laxismo sexual." (Biedroń, 2017, [https://www.auschwitz.org/en/history/categories-of-prisoners/\\_homosexuals-a-separate-category-of-prisoners/robert-biedron-nazisms-pink-hell/](https://www.auschwitz.org/en/history/categories-of-prisoners/_homosexuals-a-separate-category-of-prisoners/robert-biedron-nazisms-pink-hell/), acessado em 5 de dezembro, tradução nossa).

<sup>21</sup> "Que escândalo seria, porém, desencadeado sobre a Alemanha, se todos esses chamados homens normais fossem publicamente expostos à vergonha ou até mesmo enviados à prisão, aqueles que se endividaram gravemente nesta direção!" (Brand, 1930, p. 1, tradução nossa). No entanto, estaríamos inclinados a acreditar que, como defensor de causas sexuais, Brand estaria mais disposto a defender outras pessoas ou grupos marginalizados além dos homossexuais. Isso não poderia estar mais distante da verdade! No mesmo texto, o autor faz as mesmas observações que os nazistas no que diz respeito à pureza e à eugenia. Brand declara que os doentes mentais e deficientes são uma vergonha para a raça humana e culpa sua existência pelos baixos níveis de moralidade cristã. Além disso, o mesmo autor que defende a aceitação do amor homossexual, defende que "A morte rápida seria uma grande bênção para eles" (Brand, 1930, p. 4, tradução nossa). Além disso, o autor também alerta sobre a necessidade de advertir os jovens sobre a companhia de prostitutas e optar por outras formas de buscar prazer. A proibição das relações homossexuais só serviria para jogar os jovens nos braços da prostituição, ele afirma que "É necessário que um diga ao outro que a proibição de todas as relações homossexuais para a juventude masculina é uma fraude monstruosa contra o povo e um grande pecado mortal contra nossa raça, pois com tais medidas reacionárias se empurra os jovens em massa para os braços da prostituição e para o banho venenoso da contaminação geral do povo" (Brandt, 1930, p. 8, tradução nossa).

## EXPLORAÇÃO SEXUAL E DINÂMICAS DE PODER: O BORDEL DE MAUTHAUSEN

a identidade do "verdadeiro alemão". Esse ponto era o mais importante, pois poderia levar à associação de uma ideia ou ideologia com a identidade de uma nação. Isso também inclui os homossexuais, pois eles (diferentes organizações) argumentaram contra a ideia de que os homossexuais eram efeminados e, na verdade, soldados patriotas. Crouthamel escreve que eles "compartilhavam uma fé na camaradagem como meio de destruir a ideia predominante de que os homossexuais eram degenerados e não alemães" (Crouthamel, 2011, p. 112). Quanto a Joseph Goebbels, ele declarou em 25 de julho de 1927 no *Der Angriff*:

O povo alemão é um povo escravizado. Sob a lei internacional, ele é inferior à pior colônia de negros no Congo. Todos os direitos soberanos nos foram tirados. Somos bons o suficiente para que o capital internacional nos permita encher seus sacos de dinheiro com pagamentos de juros (Goebbels, *Der Angriff*, 25 de julho de 1927. Disponível em: <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/angrif05.htm>, Acesso em 1 de dezembro de 2024, tradução nossa)<sup>22</sup>.

Os primeiros passos eram claros: oprimir os opositores políticos, reprimir a expressão sexual (homossexualidade – masculina ou feminina –, prostituição, etc.), e controlar a narrativa sobre a perversão sexual desde o início com material de propaganda. Quando os nazistas tomaram o poder em 1933, uma contínua repressão foi instaurada em todas essas esferas, e muitas mais viriam. Em um período posterior, a propaganda ainda foi uma ferramenta eficaz na repressão das prostitutas, como podemos ver na próxima imagem.

Figura 3 - "Washington in Kriegzeiten"



Fonte: Cartaz de propaganda nazista intitulado "Washington in Kriegzeiten", emitido pela "Parole der Woche", um jornal mural (*Wandzeitung*) publicado pelo escritório de propaganda do Partido Nacional Socialista em Munique. Arquivos Fotográficos do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. Copyright do Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos.

<sup>22</sup> "The German people is an enslaved people. Under international law, it is lower than the worst Negro colony in the Congo. One has taken all sovereign rights from us. We are just good enough that international capital allows us to fill its money sacks with interest payments" (Goebbels, *Der Angriff*, 25 de julho de 1927. Disponível em <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/angrif05.htm>, Acesso em 1 de dezembro de 2024)

No cartaz acima, podemos ver não apenas o ataque às prostitutas, mas também o destaque para casos de estupro e roubo em Washington. "A prostituição floresce aqui, ao contrário de quase qualquer outra cidade, e cerca de metade das prostitutas sofrem de doenças venéreas. Os bordéis de Washington competem com as cenas de guerra no Pacífico na incapacitação dos soldados americanos" (Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, acessado em 12 de dezembro de 2024, disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/pa1156177>, tradução nossa).

A campanha contra pessoas "preguiçosas" (bebedores, prostitutas e outros<sup>23</sup>) facilitou enormemente o encarceramento de prostitutas, como apontado por Harris (2010). Com as prostitutas, pode-se argumentar diferentes razões para sua prisão e sentenciamento aos campos de concentração. O estilo de vida "associal" que elas levavam, de acordo com os ideais nazistas de comportamento social aceitável para as mulheres. A ideia de que as atividades sexuais deveriam ser destinadas apenas à procriação foi ainda mais aprofundada com a adoção da Ordem da Procriação de Heinrich Himmler em 1939, logo no início da guerra, e não se pode ignorar a longa história de repressão da sexualidade feminina, mesmo antes da Segunda Guerra Mundial.

Notavelmente, a sexualidade foi discutida (para o bem ou para o mal) em muitos níveis antes, durante e após a ascensão nazista, seja por ativistas políticos *queer*, artistas e outros. Periódicos e outros tipos de material sobre sexualidade eram prolíficos na República de Weimar, assim como em Viena, embora esta última tivesse maneiras diferentes de abordar tais tópicos. Britta McEwen afirma que:

[...] Um amplo espectro de atores se envolveu no projeto de tornar públicas informações básicas sobre sexo. Católicos, socialistas e outros trabalharam para melhorar a saúde do povo, tanto mental quanto física, criando e disseminando conhecimento sexual. Mas, particularmente na Primeira República, a informação sobre sexo se tornou politicizada. Os católicos enfatizavam a pureza e a castidade (para a glória de Deus) ao explicar o sexo para seu público; os socialistas, em grande parte, ecoavam essas mensagens ao apelar para a saúde da população em geral e a importância de uma vida reta e limpa. Assim, embora ambos os lados possam ter justificado suas ações de maneira diferente, o objetivo final era muito semelhante. Como muitos de seus colegas da Weimar, os reformadores sexuais em Viena estavam comprometidos em criar um Volk viável por meio da higiene e da educação. (McEwen, 2012, p. 8, tradução nossa)<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> Hannah Arendt, no manuscrito A Grande Tradição e a Natureza do Totalitarismo (escrito em 1953, e arquivado na Biblioteca do Congresso. Foi traduzido e publicado em português pelo Núcleo Hannah Arendt em 2019), afirma que: "A sobrevivência da raça ou da classe mais apta prenuncia (ou expressa) a noção de que os homens podem ser supérfluos e parasitas. Quem não for útil para esse processo não é 'apto para viver'. Isso está, em última instância, baseado na nova sociedade dos trabalhadores. Quem não teve seu trabalho dado a ele pela sociedade é supérfluo, é um parasita, etc. Isso termina na liquidação daqueles que não são mais necessários. O conceito revolucionário do Trabalho, que é comum a todas as novas doutrinas." (Arendt, 2019, p. 130).

<sup>24</sup> "[...] a wide range of actors were drawn to the project of making public basic information about sex. Catholics, socialists, and others worked to improve the health of the people, mental and physical, by creating and disseminating sexual knowledge. But particularly in the First Republic, sex information became politicized. Catholics emphasized purity and chastity (for the glory of God) when explaining sex to their audiences; socialists largely echoed these messages while appealing to the health of the greater population and the importance of upright, clean living. So while both sides may have justified their actions differently, the end goal was very similar. Like many of their Weimar colleagues, sex reformers in Vienna were committed to creating a viable Volk through hygiene and education" (McEwen, 2012, p. 8).

A Igreja Católica tinha, então, maior poder dentro do corpo social austríaco, mas até a própria igreja estava ciente da necessidade de conhecimento sexual dentro de seu círculo de fiéis. Portanto, a visão católica da prostituição ou pornografia como uma violação da pureza do corpo é bastante compreensível.

Material de propaganda pode ser encontrado nas bases dos processos repressivos a serem executados pelos nazistas; durante o regime totalitário, os ataques da higiene social contra prostitutas e pornografia foram executados com punhos de ferro (externamente). O material pornográfico era, por exemplo, objeto de repressão, mas também utilizado como material de propaganda para o antisemitismo (Ferreira, 2024, p. 65). Além dessa história contraditória, é bem conhecido o infame interesse de Julius Streicher (editor-chefe do jornal anti-semita *Der Stürmer*) pela coleta de material pornográfico.

Temas como os destacados acima, além de questões econômicas e políticas, estavam fortemente ligados às emoções das massas e às suas preocupações. Joseph Goebbels estava plenamente ciente disso, como se pode observar em sua “prática” propagandística. Em seu discurso durante o comício de Nuremberg de 1927, ele declarou que:

Existem dois tipos de propaganda, uma voltada para o entendimento e a outra para os sentimentos. Ambas dependem de fatores imponderáveis. Movimentos de visão de mundo visam aos sentimentos. A força por trás dos movimentos de visão de mundo nunca foi o entendimento, mas sim a fé. Por exemplo: Cristo nunca escreveu um programa de partido, mas pregou o Sermão da Montanha. Nele, ele lançou as bases de um novo mundo, resumido na simples frase “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” As palavras de Rousseau foram a base da Revolução Francesa, mas se um agitador não tivesse estado ao seu lado, sua teoria teria permanecido adormecida nas estantes das bibliotecas. (Goebbels 1927, <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/rpt27c1.htm>, tradução nossa)<sup>25</sup>.

E essa ideia não nasceu nem foi aplicada apenas durante o período nazista na Alemanha, mas também nos Estados Unidos da América, com a ajuda de Edward Bernays e sua teoria das Relações Públicas. Bernays criou o conceito de Relações Públicas justamente para suavizar as conotações negativas associadas ao termo “propaganda”, fortemente ligado ao nazismo<sup>26</sup>. O que Bernays fez foi particularmente influente por sua abordagem baseada nas teorias de seu tio, Sigmund Freud, sobre o inconsciente e os desejos inconscientes das massas. Sua teoria da propaganda pode ser encontrada no livro *Propaganda* (1928).

O uso da propaganda, em todo esse esquema, tem como objetivo estabelecer regras, preparar o terreno para leis futuras e definir de que maneira a prostituição e a sexualidade, em geral, deveriam ser

<sup>25</sup> “There are two kinds of propaganda, one aimed at the understanding, *the other the feelings*. Both depend on imponderables. Worldview movements aim for the feelings. The force behind worldview movements has never been understanding, but rather faith. For example: Christ never wrote a party program, but did preach the Sermon on the Mount. In it he laid the foundations of a new world, summarized in the simple phrase ‘Love your neighbor as yourself.’ Rousseau’s words were the foundation of the French Revolution, but if an agitator had not stood at his side his theory would have slumbered on the bookshelves” (Goebbels 1927, <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/rpt27c1.htm>).

<sup>26</sup> “Estou ciente de que a palavra 'propaganda' carrega para muitas pessoas uma conotação desagradável. No entanto, se, em qualquer caso, a propaganda é boa ou ruim depende do mérito da causa defendida e da correção das informações publicadas” (Bernays, 1928, p. 20, tradução nossa).

ocultadas das esferas sociais do regime totalitário do Reich. As questões relacionadas às contradições revelam-se particularmente marcantes no jogo de forças entre o regime instituído e a sociedade da época. O filósofo francês Michel Foucault analisa aquilo que denominamos contradição como algo que opera a favor da aceitação do poder — e, como argumentamos aqui, também da aceitação de um regime como esse. Ele escreve:

A razão geral e a tática que parece ser óbvia: é sob a condição de mascarar uma parte significativa de si mesmo que o poder é tolerável. Seu sucesso é proporcional ao que consegue esconder de seus mecanismos. O poder seria aceito se fosse completamente cínico? O segredo não está para ele no âmbito do abuso; ele é indispensável para seu funcionamento (Foucault, 1976, p. 113, tradução nossa).<sup>27</sup>

Assim, as “contradições” encontradas podem não ser consideradas verdadeiras contradições, mas sim meras facetas dos jogos encenados pelas relações de poder e de algumas de suas manifestações. Annette F. Timm também observa essa postura como uma sensibilidade estratégica para não perturbar a opinião pública em relação ao regime e “não ofender as sensibilidades burguesas” (Timm, 2002, p. 227, tradução nossa). Passemos, então, à exploração dessas relações e das distintas dinâmicas presentes no bordel de Mauthausen.

### 3. RELAÇÕES DE PODER E O BORDEL

Como foi brevemente explicado, a relação entre as prostitutas e o regime nazista sempre foi marcada por uma fragilidade fraturada. A prisão de muitas mulheres e sua condenação aos campos de concentração representava apenas um dos aspectos dessa relação. Outras mulheres foram “poupadas” da perseguição, mesmo após terem sido detidas diversas vezes sob diferentes acusações (Dillon, 2010).

Neste ponto, gostaríamos de abordar a noção foucaultiana de relações de poder. Essa concepção de poder é tratada como algo que atravessa todos os corpos sociais, não como uma força que flui de cima para baixo, mas como um fenômeno horizontal, por assim dizer. As relações de poder ocorrem dentro e entre diferentes instâncias, entre distintos sujeitos e instituições. Existem estruturas e relações de poder no seio das famílias, das corporações, das organizações religiosas, políticas, etc. O poder, enquanto fenômeno, não está dissociado, contudo, de outros elementos, como o Saber e o Discurso, conforme assinala Seumas Miller:

É evidente que a noção de poder, por si só, não é suficiente, pois o poder em si pressupõe uma série de fenômenos que não são, eles mesmos, poder. Por exemplo, pressupõe algo que exerce o poder; propriedades pelas quais é possível que essa coisa exerça poder; outra coisa sobre a qual o poder é exercido — e isso necessariamente incluiria mudanças nessa coisa como resultado do exercício do poder sobre ela —, e, de fato, toda uma variedade

---

<sup>27</sup> “Raison générale et tactique qui semble aller de soi : c'est à la condition de masquer une part importante de lui-même que le pouvoir est tolérable. Sa réussite est en proportion de ce qu'il parvient à cacher de ses mécanismes. Le pouvoir serait-il accepté s'il était entièrement cynique? Le secret n'est pas pour lui de l'ordre de l'abus; il est indispensable à son fonctionnement” (Foucault, 1976, p. 113).

de outras relações que não são reduzíveis a relações de poder. (Miller 1990: 120, tradução nossa)<sup>28</sup>.

Michel Foucault destaca que a forma como o fascismo (e o stalinismo, que ele denomina como “doenças do poder”) operou baseou-se em diversas ferramentas e mecanismos já previamente instalados em diferentes corpos sociais e políticos — como a propaganda, por exemplo. Ele escreve:

Gostaria de mencionar apenas duas “formas patológicas” — essas duas “doenças do poder” — o fascismo e o stalinismo. Uma das inúmeras razões pelas quais eles são, para nós, tão desconcertantes é que, apesar de sua singularidade histórica, não são totalmente originais. Eles utilizaram e ampliaram mecanismos já presentes na maioria das outras sociedades. Mais do que isso: apesar de sua própria loucura interna, utilizaram em grande medida as ideias e os dispositivos da nossa racionalidade política. (Foucault, 1982, p. 779, tradução nossa)<sup>29</sup>.

O período nazista levou tais mecanismos e os ampliou a um grau jamais visto anteriormente. Essas ferramentas de controle visavam, como também explora Hannah Arendt, a erradicar qualquer forma de subjetividade, qualquer vestígio de humanidade de suas vítimas; é nesse ponto que as relações — ou lutas — de poder se tornam ainda mais complexas dentro dos campos de concentração. Para os nossos propósitos, é necessário destacar que uma energia específica (ainda que não a única, como veremos) deveria ser controlada, regulada e não apenas reprimida. Trata-se, em especial, da energia sexual masculina, uma vez que tais bordéis foram concebidos para homens heterossexuais. Como expressa Michel Foucault em sua *Histoire de la sexualité* (1976): “Tanto mais longamente, sem dúvida, quanto o próprio do poder — e particularmente de um poder como o que funciona em nossa sociedade — é ser repressivo e reprimir com especial atenção às energias inúteis, a intensidade dos prazeres e as condutas irregulares.” (Foucault, 1976, p. 17, tradução nossa)<sup>30</sup>. Annette F. Timm, em seu artigo “Sex with a Purpose: Prostitution, Venereal Disease, and Militarized Masculinity in the Third Reich” (2002), argumenta de forma convergente ao analisar como os regimes totalitários tentam alterar o estatuto da vida privada de seus sujeitos, “não apenas para definir comportamentos sexuais aceitáveis, mas para redefinir os atos sexuais como atos com significado público – e não simplesmente privado” (Timm, 2002, p. 223, tradução nossa).

A ideia de relações de poder neste artigo, após nossa introdução aos discursos construídos pelos materiais de propaganda, é orientada pela noção de que o poder (seja ele forçado, violento ou não) está

<sup>28</sup> “clearly the notion of power alone will not do, for power in itself presupposes an array of phenomena which are not themselves power. For example, it presupposes something that is exercising the power; properties in virtue of which it is possible for that thing to exercise power; another thing over which the power is exercised, and this would necessarily include changes in the thing as the result of the exercise of power upon it; and indeed all manner of other relationships which are not reducible to power relations” (Miller, 1990, p. 120).

<sup>29</sup> “I'd like to mention only two ‘pathological forms’ – those two ‘diseases of power’ – fascism and Stalinism. One of the numerous reasons why they are, for us, so puzzling is that in spite of their historical uniqueness they are not quite original. They used and extended mechanisms already present in most other societies. More than that: in spite of their own internal madness, they used to a large extent the ideas and the devices of our political rationality” (Foucault, 1982, p. 779).

<sup>30</sup> “All the longer, no doubt, as it is in the nature of power – particularly the kind of power that operates in our society – to be repressive, and to be especially careful in repressing useless energies, the intensity of pleasures, and irregular modes of behavior.” (Foucault 1978: 9).

intrinsicamente relacionado ao sexo. As vidas sexuais dos sujeitos estão estreitamente ligadas à maneira como o poder pode ser organizado dentro de diferentes sistemas, escreve Foucault:

O poder seria essencialmente aquilo que, ao sexo, dita sua lei. Isso significa, antes de tudo, que o sexo se encontra, por ele, submetido a um regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. Isso significa, em seguida, que o poder prescreve ao sexo uma “ordem” que funciona ao mesmo tempo como forma de inteligibilidade: o sexo se decifra a partir de sua relação com a lei. Isso significa, por fim, que o poder age enunciando a norma: a tomada de poder sobre o sexo se daria pela linguagem, ou melhor, por um ato de discurso que cria, pelo fato mesmo de se articular, um estado de direito. (Foucault, 1976, p. 110, tradução nossa)<sup>31</sup>.

A criação de bordéis dentro dos campos foi uma forma de incentivar os prisioneiros a trabalharem mais arduamente. Como já apontamos, o acesso a esses lugares era concedido a poucos prisioneiros, conhecidos como Capos. A relação entre os Capos e os prisioneiros comuns também era complexa, já que alguns deles poderiam ser tão abusivos de seu poder quanto os SS, ou até mais; muitos testemunhos destacam essas tendências em alguns Capos. Esta discussão por si só poderia nos levar a vários argumentos éticos sobre a culpabilidade desses funcionários prisioneiros, levando em consideração, por exemplo, sua nacionalidade e o tempo de permanência no campo. Como um prisioneiro relata, a situação em Mauthausen foi um pouco melhor para ela porque os espanhóis eram um grupo maior no campo, em comparação com sua experiência anterior em Ravensbrück, onde o grupo maior era o polonês.

O sistema de *Capos* pode ser argumentado como uma forma de evitar ainda mais possíveis resistências, já que, como Michel Foucault descreve, o poder não é apenas uma força que proíbe, uma voz que só diz não; se fosse esse o caso, resistência e revolta seriam esperadas. Claro, na realidade dos campos de concentração, isso dificilmente ocorria, já que a maioria dos prisioneiros não tinha força para reagir. No entanto, tal sistema poderia, de fato, enfraquecer ainda mais os ânimos. Para alguns prisioneiros, ser capaz de trabalhar como *Capo* era simplesmente uma forma de ajudar na sobrevivência de seus companheiros de cativeiro.

Stanislaw Gorondowski recorda seu tempo em Mauthausen de formas distintas. Primeiro, ele foi reconhecido por suas habilidades na apicultura, sendo escolhido para cuidar das abelhas de um dos oficiais da SS<sup>32</sup>. Na primavera de 1944, foi nomeado Capo prisioneiro (*Gartnerkommando*), responsável pelos trabalhos de jardinagem; como ele lembra, eles eram levados a Linz todos os dias e voltavam todas as noites. Enquanto trabalhavam perto do Danúbio, conseguiam roubar um pouco de comida e álcool do galpão. Isso pode ter ajudado a salvar suas vidas, considerando em seu relato o número de prisioneiros nesse trabalho—de 20 a 30 pessoas durante o inverno e quase 70 pessoas trabalhando durante o verão.

<sup>31</sup> “Le pouvoir serait essentiellement ce qui, au sexe, dicte sa loi. Ce qui veut dire d'abord que le sexe se trouve placé par lui sous un régime binaire : licite et illicite, permis et défendu. Ce qui veut dire ensuite que le pouvoir prescrit au sexe un « ordre » qui fonctionne en même temps comme forme d'intelligibilité : le sexe se déchiffre à partir de son rapport à la loi. Ce qui veut dire enfin que le pouvoir agit en pro nonçant la règle : la prise du pouvoir sur le sexe se ferait par le langage ou plutôt par un acte de discours créant, du fait même qu'il s'articule, un état de droit” (Foucault, 1976, p. 110).

<sup>32</sup> “Deutschsprachige Zusammenfassung eines Interviews von Hans Marsalek mit Stanislaw Gorondowski”

Quanto ao bordel do campo, havia diferentes abordagens em relação às mulheres que "trabalharam" lá. Primeiro, Gerhard Kanthack afirmou que cerca de 10 mulheres foram levadas para o bordel do campo, transferidas do campo de mulheres de Ravensbruck. De sua perspectiva, algumas dessas mulheres sabiam o que estavam fazendo ali, enquanto outras estavam completamente cegas pela situação; ele afirma que algumas delas já eram prostitutas antes de serem presas. Quanto aos homens que visitavam o bordel, a grande maioria eram prisioneiros alemães, sendo que, ocasionalmente, alguns estrangeiros também eram autorizados a entrar. Eles precisavam preencher um formulário solicitando a visita, e a resposta viria no mesmo dia ou no dia seguinte, quando seriam autorizados a ir<sup>33</sup> (após pagar 2 RM<sup>34</sup>). A visita durava 20 minutos, após os quais os homens eram desinfetados para evitar doenças. Isso pode parecer uma das contradições do sistema, mas tais prisioneiros eram vistos de forma mais favorável e recebiam um tratamento melhor da SS em comparação com os outros; caso contraíssem alguma infecção, o bordel seria visto como um lugar a ser evitado.

Notavelmente, Gerhard Kanthack afirma que havia, entre os prisioneiros, proxenetas para as prostitutas; em sua entrevista, Kanthack menciona que os homens que visitavam o bordel tinham padrões morais mais baixos, chegando até a ter um relacionamento com uma dessas mulheres. Mulheres que usavam "trajes de praia de seda com calças" tinham melhor comida, joias e acesso a álcool. Elas desfilavam e se deitavam ao sol entre o bordel (bloco 1) e o bloco 2.

Curiosamente, o pessoal da SS também visitava as prostitutas. De acordo com o testemunho de Kanthack, Bachmeyer e Riegler visitavam as prostitutas do bordel de vez em quando. Durante as visitas de Bachmeyer, não se ouvia nenhum som vindo do bordel, apenas tiros; o *Hauptsturmführer* disparava contra as lâmpadas do bordel. Isso coloca o bordel de Mauthausen em uma posição ainda mais anômala; ordens dadas pelo *SS-Obergruppenführer* e *General der Waffen-SS* em 10 de novembro de 1943 indicaram que os bordéis e os crematórios não deveriam ser discutidos ou mostrados durante as visitas ao campo; o bordel de Mauthausen, no entanto, estava localizado exatamente na entrada do campo! O primeiro prédio a ser visto ao se entrar no campo, como pode ser visto na imagem 1, página 5. Como já mencionamos no comentário de Michel Foucault sobre o poder como algo que também se oculta ou se esconde em algumas instâncias, "o segredo não está na natureza do abuso; ele é indispensável para seu funcionamento" (Foucault, 1982, p. 86, tradução nossa); aqui, isso se torna mais claro.

Um relato interessante pode ser encontrado nos testemunhos de duas mulheres francesas, Claire Line e Georgette Walle. Seus testemunhos (feitos em 31 de março de 1945) podem enriquecer nossa

<sup>33</sup> A confirmação do pedido seria dada pelo *SS-Hauptsturmführer* Georg Bachmeyer, pelo *Unterscharführer* Josef Riegler ou pelo *Oberscharführer* Andreas Trum.

<sup>34</sup> A mesma informação é fornecida por Franz Ziereis, o último comandante de *Mauthausen*. Em sua confissão, ele aborda a existência de um "bordel" em *Mauthausen* (p. 6) e explica que, dos 2 RM pagos pelo acesso ao bordel, 50 pfennigs eram destinados à mulher, enquanto os 1,50 RM restantes eram enviados à sede do campo de concentração em Berlim: "Quero dizer, POHL [Oswald Pohl] é quem recebe o dinheiro" (Confissões de Franz Ziereis, último comandante de *Mauthausen*. Acesso em: <https://collections.ushmm.org/search/catalog/irn504172?rsc=21675&cv=0&x=1322&y=299&z=3.8e-4>. Acesso em 15 de dezembro de 2024).

compreensão tanto das experiências que tocamos quanto apontar para outra ação contraditória da SS. Inicialmente, elas apresentam uma experiência comum das prisioneiras recém-chegadas a *Mauthausen*. Elas foram despidas e obrigadas a tomar banho, sendo vigiadas por prisioneiros do sexo masculino, de quem elas relatam uma observação de solidariedade: “Amie, je te regarde, mais je ne te vois pas” (“Eu olho para você, mas não a vejo”). Nesse momento, Walle e Line observaram a chegada de um soldado da SS que queria voluntárias para trabalhar no bordel do campo, ao que elas puderam recusar.

Particularmente, elas destacam a preferência por mulheres jovens (Claire Line estava então na casa dos vinte anos); isso pode parecer mais uma contradição nas ações da SS, já que, como vemos, algumas mulheres não tinham escolha, e outras foram convidadas a se voluntariar e puderam recusar sem sofrer nenhuma reprimenda. No entanto, essa ação também foi calculada pela SS para brincar com a moralidade dos prisioneiros masculinos, que acreditariam que as mulheres estavam ali por sua própria vontade, como explica Robert Sommer: “Dessa forma, a culpa era delegada às vítimas. Além disso, podia-se sugerir aos prisioneiros masculinos que as mulheres haviam feito o serviço voluntariamente. Assim, potenciais dúvidas dos visitantes do bordel eram dissipada e, além disso, as mulheres eram tornadas mais submissas até certo ponto” (Sommer, 2009, tradução nossa)<sup>35</sup>.

A segunda situação comum que ocorria era que os prisioneiros eram deixados do lado de fora no frio intenso do inverno, de modo que alguns morriam logo após sua chegada. A seguir, temos as relações nacionais em jogo, mas, nesse caso, as duas mulheres francesas destacam a ajuda que receberam das prisioneiras espanholas, que as alimentaram e vestiram, retirando de sua própria comida escassa para lhes dar.

Até agora, conseguimos discutir as diferentes dinâmicas entre: SS e prisioneiros, prostitutas e prisioneiros, prisioneiros Capo e prisioneiros comuns, e entre prisioneiros de diferentes nacionalidades. Agora, dois usos interessantes do bordel do campo também devem ser destacados: os experimentos médicos e o papel das prostitutas como espiãs.

De acordo com outro relatório, “*Bericht des Prof. Dr. Vratislav Busek betreffend das Mauthausener Sanitätswesen und medizinische Versuche*”, o bordel do campo foi utilizado como parte de um experimento sobre a possibilidade de reverter a castração. Tratamentos hormonais foram administrados em criminosos e um prisioneiro político. Os homens eram então levados ao bordel e forçados a ter relações sexuais com as prostitutas sob a ameaça de serem mortos. No entanto, os resultados não foram bem-sucedidos. Infelizmente, o relatório não fornece mais explicações sobre a natureza médica dos experimentos, os produtos químicos utilizados ou a duração de tais experimentos. No entanto, isso nos oferece uma ideia da magnitude das áreas que de alguma forma estavam conectadas à existência do bordel.

---

<sup>35</sup> “Dessa forma, a culpa era delegada às vítimas. Também era possível sugerir aos prisioneiros homens que as mulheres haviam prestado o serviço voluntariamente. Isso eliminava quaisquer dúvidas potenciais dos frequentadores dos bordéis e também tornava as mulheres submissas em certa medida.” A entrevista completa pode ser lida em: KEMPIS, Franziska von. **Bordellbesuch als Belohnung:** Kulturwissenschaftler Sommer über erzwungene Sexdienste in den Lagern der Nazis. Süddeutsche Zeitung, 2009. Disponível em: <https://www.sueddeutsche.de/politik/himmler-kz-bordelle-1.104717>. Acesso em 24 de dezembro de 2024.

Além disso, as prostitutas foram ainda mais exploradas e utilizadas como espiãs pelos oficiais da SS, já que mantinham relações estreitas com os prisioneiros. Elas deveriam constantemente relatar quaisquer comentários ou atividades suspeitas de outros prisioneiros aos oficiais, o que as colocava novamente em uma posição sensível de serem vítimas e "perpetradoras", entre aspas, dado o nível de pressão a que essas mulheres estavam submetidas para sobreviver.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou examinar a exploração sexual das prisioneiras no campo de concentração de Mauthausen e as articulações subjacentes das dinâmicas de poder. Através dessa análise, chegamos a reconhecer que a relação entre sexualidade e poder sob o regime nazista estava longe de ser simples ou meramente uma questão de proibição. Pelo contrário, foi marcada por uma lógica dual: por um lado, apelava aos ideais de uma sociedade "civilizada", na qual a prostituição e os chamados comportamentos "desviantes" eram condenados; por outro, regulava e manipulava ativamente as vidas sexuais dos indivíduos—tanto dos prisioneiros confinados aos campos quanto dos membros e soldados do Partido Nazista.

No geral, o conceito de poder e controle sob o regime nacional-socialista é profundamente alienígena à vida cotidiana contemporânea, o que torna difícil para aqueles fora dos campos especializados da história do nacional-socialismo compreenderem suas complexidades. Representou uma instância extrema da usurpação da subjetividade de seus chamados "inimigos", ao mesmo tempo em que construía e moldava a subjetividade entre seus apoiadores dentro do Reich, particularmente na Alemanha e na Áustria.

Mesmo após 79 anos do fim da Segunda Guerra Mundial e da libertação do campo de concentração de Mauthausen pelos Aliados americanos, poucos—se é que existem—documentos oferecem uma investigação aprofundada sobre a existência e a função dos bordéis nos campos. Essa ausência pode ser atribuída a vários fatores, incluindo a destruição deliberada de documentos oficiais, fotografias e outros registros. Além disso, a vergonha profunda associada ao fato de ter sido forçado a trabalhar nos bordéis do campo, juntamente com o trauma duradouro causado por tais experiências, contribuiu para esse silêncio. Com este artigo, buscamos contribuir para um maior reconhecimento e lembrança de algumas das vítimas frequentemente negligenciadas do Holocausto: mulheres forçadas à prostituição e também indivíduos queer.

### Bibliografia

- TIMM, Annette F. **Sex with a Purpose:** Prostitution, Venereal Disease, and Militarized Masculinity in the Third Reich. *Journal of the History of Sexuality*, v. 11, n. 1, Special Issue: Sexuality and German Fascism, p. 223-255, 2002.
- ARENKT, Hannah. **A grande tradição e a natureza do totalitarismo.** *Cadernos Arendt*, v. 2, n. 3, p. 121-135, 2019.

- Arendt, Hannah. **The origins of totalitarianism:** With a new introduction by Anne Applebaum. Boston: Mariner Books Classics, 2024.
- Arendt, Hannah. **Eichmann in Jerusalem:** A report on the banality of evil. London: Penguin Classics, 2006.
- Bach, Maurizio. **Mussolini und Hitler als charismatische Führer:** Was kann Max Webers Modell der charismatischen Herrschaft zur Erklärung der Dynamik faschistischer Bewegungen beitragen?. In: Der Faschismus in Europa. De Gruyter Oldenbourg, 2014. p. 107-122.
- BERNAYS, Edward. **Propaganda.** New York: Horace Liveright Inc., 1928.
- BOTZ, G. **Terror, death and labour in the Mauthausen concentration camp.** In: Memorial Sites for Concentration Camp Victims in Upper Austria. Landesverlag Druckservice Linz, 2002. p. 15-28.
- CROUTHAMEL, Jason. **‘Comradeship’ and ‘Friendship’: Masculinity and Militarisation in Germany’s Homosexual Emancipation Movement after the First World War.** In: Gender & History, v. 23, n. 1, 2011. p. 111-129.
- DIETRICH, Ana Maria. **Organização política e propaganda Nazista no Brasil (1930-1945): O Nazismo tropicalizado.** ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. p. 1-8.
- DILLON, Christopher. **‘Tolerance means weakness’:** the Dachau concentration camp S.S., militarism and masculinity. In: Historical Research, v. 86, n. 232, 2013. p. 373-389.
- EL PAÍS BRASIL. **Secretário da Cultura de Bolsonaro imita fala de nazista Goebbels e é demitido.** El País Brasil, 2020. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html#?prm=copy\\_link](https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html#?prm=copy_link). Acesso em: 23 dez. 2024.
- ERTL, Michael. **Germany cracks down on neo-Nazi sect Artgemeinschaft for targeting children.** BBC, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-europe-66934411>. Acesso em: 23 dez. 2024.
- FERREIRA, Marcos Antônio da Silva Santos. **Uma incursão sobre a obra de arte, a tecnologia e a pornografia.** In: Revista Ítaca, Dossiê Pornografia, Filosofia e Psicanálise, v. 42, 2024. p. 59-73.
- FOUCAULT, M. **The Subject and Power.** Critical Inquiry, v. 8, n. 4, 1982. p. 777–795. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1343197>.
- GOEBBELS, J. **Around the Kaiser Wilhelm Memorial Church.** German Propaganda Archive. Recuperado em 30 nov. 2024, de <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/angrif18.htm>.
- GOEBBELS, J. **Goebbels’ Speech at the 1927 Nuremberg Rally.** German Propaganda Archive. Recuperado em 30 nov. 2024, de <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/rpt27c1.htm>.
- GOEBBELS, J. **Knowledge and Propaganda.** German Propaganda Archive. Recuperado em 30 nov. 2024, de <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/goeb54.htm>.

## EXPLORAÇÃO SEXUAL E DINÂMICAS DE PODER: O BORDEL DE MAUTHAUSEN

- GOEBBELS, J. **We Demand.** German Propaganda Archive. Recuperado em 30 nov. 2024, de <https://research.calvin.edu/german-propaganda-archive/angrif05.htm>.
- GOESCHEL, Christian; WASCHSMANN, Sulamith. **Before Auschwitz:** The Formation of the Nazi Concentration Camps, 1933–9. In: Journal of Contemporary History, v. 45, n. 3, p. 515-534, 2010.
- GRAEFENSTEIN, Sulamith. **After the Nation? Memory Work at Mauthausen Memorial in (Trans)National Perspective.** Australian Humanities Review, v. 59, p. 155-173, 2016.
- HARRIS, Victoria. **The Role of the Concentration Camps in the Nazi Repression of Prostitutes, 1933–9.** In: Journal of Contemporary History, v. 45, n. 3, p. 675-698, 2010.
- HAUSMAIR, B. **Identity Destruction or Survival in Small Things? Rethinking Prisoner Tags from the Mauthausen Concentration Camp.** International Journal of Historical Archeology, v. 22, p. 472-491, 2017.
- HERZOG, D. **Sexuality in Austria:** An Update. In: BISCHOF, G.; KARLHOFER, F. (Ed.). Austrian Studies Today. v. 25, p. 161–169. University of New Orleans Press, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctt1n2txjc.15>. Acesso em: 23 dez. 2024.
- JONES, Julia Vargas. **Brazil Cracks Down on Surprising New Threat:** Neo-Nazis. The New York Times, 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/11/07/world/americas/brazil-neo-nazis-extremism.html?smid=url-share>. Acesso em: 23 dez. 2024.
- KEMPIS, Franziska von. **Bordellbesuch als Belohnung:** Kulturwissenschaftler Sommer über erzwungene Sexdienste in den Lagern der Nazis. Sueddeutsche, 2009. Disponível em: <https://www.sueddeutsche.de/politik/himmler-kz-bordelle-1.104717>. Acesso em: 24 dez. 2024.
- KNOX, MacGregor. **Mussolini and Hitler:** Charisma, regime, and national catastrophe. In: Political Leadership, Nations and Charisma, p. 98-112, 2012.
- MARKIEWICZ, J. **Recollections of a doctor imprisoned in Mauthausen-Gusen.** Medical Review – Auschwitz, 25 maio 2020. Disponível em: <https://www.mp.pl/auschwitz>. (Publicado originalmente como “Wspomnienia lekarza z Mauthausen-Gusen”. Przegląd Lekarski – Oświęcim, 1965, p. 144–148).
- McEWEN, B. **Introduction: Vienna as a Laboratory for Sexual Knowledge.** In: Sexual Knowledge: Feeling, Fact, and Social Reform in Vienna, 1900-1934, New York; Oxford: Berghahn Books, 2012. p. 1-25. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9780857453389-002>.
- FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité I:** la volonté de savoir. Paris: Gallimard, 1976.
- FOUCAULT, Michel. **The History of Sexuality Volume I:** An Introduction. New York: Pantheon Books, 1978.
- MÜHLENFELD, Daniel. **Was heißt und zu welchem Ende studiert man NS-Propaganda?** Neuere Forschungen zur Geschichte von Medien, Kommunikation und Kultur während des »Dritten Reiches. Archiv für Sozialgeschichte, v. 49, p. 527-559, 2009.
- MÜHLHÄUSER, R.; SPENGLER, J. **Sex and the Nazi Soldier.** In: Sex and the Nazi Soldier. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2021.

SCHIKORRA, Christa. **Prostitution of Female Concentration Camp Prisoners as Slave Labor:** On the situation of "Asocial" Prisoners in the Ravensbruck Women's Concentration Camp. In: Dachau and the Nazi Terror II: 1933-1945 Studies and Reports. Alemanha: Dachau, 2002.

MILLER, Seumas. **Foucault on Discourse and Power.** *Theoria: A Journal of Social and Political Theory*, n. 76, p. 115-125, 1990.

THE GUARDIAN. **Brazil culture secretary fired after echoing words of Nazi Goebbels.** Disponível em: [https://www.theguardian.com/world/2020/jan/17/brazil-culture-minister-goeb-bels-roberto-alvim-nazi?CMP=share\\_btn\\_url](https://www.theguardian.com/world/2020/jan/17/brazil-culture-minister-goeb-bels-roberto-alvim-nazi?CMP=share_btn_url). Acesso em: 23 dez. 2024.

WEBER, Paul. **Polizei und Homosexualität.** Die Freundin, Berlin, n. 9, p. 2, 1933.

WIESEL, E. et al. **DACHAU MAIN CAMP.** In: MEGARGEE, G. P. (Ed.). *The United States Holocaust Memorial Museum Encyclopedia of Camps and Ghettos, 1933-1945*, Volume I: Early Camps, Youth Camps, and Concentration Camps and Subcamps under the SS-Business Administration Main Office (WVHA). Indiana: Indiana University Press, 2009. p. 441–447. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctt16gzb17.19>.

WILDMANN, Daniel. **Desired Bodies:** Leni Riefenstahl's Olympia, Aryan Masculinity and the Classical Body. In: BRILL'S Companion to the Classics, Fascist Italy and Nazi Germany. Holanda: Brill, 2017. v. 12, p. 60-81.

ZULEHNER, P. M. **Religion in Austria Revisited.** In: BISCHOF, G.; KARLHOFER, F. (Ed.). *Austrian Studies Today*. New Orleans: University of New Orleans Press, 2016. v. 25, p. 147–159. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctt1n2txjc.14>.